

DE TATUS MOQUEADOS E PORCOS FUMADOS: CAÇA E CRIAÇÃO DE MAMÍFEROS NA AMÉRICA PORTUGUESA QUINHENTISTA

*Christian Fausto Moraes dos Santos**
*Gisele Cristina da Conceição***
*Fabiano Bracht****

Resumo: Neste trabalho pretendemos analisar o processo de reconhecimento, construção de saber e adaptação dos colonizadores lusos na América Portuguesa quinhentista. Desta forma, privilegiaremos os aspectos ligados à sobrevivência e subsistência, assim como as técnicas desenvolvidas por estes no que se refere à obtenção e conservação de fontes de alimentos nos trópicos. Abordaremos, assim, questões relativas às dificuldades de introdução de espécies de animais nativos da Europa, pelos colonizadores portugueses. Neste sentido, analisaremos os processos de adaptação destes animais no que se refere ao clima e a nova alimentação na colônia, bem como a busca por alimentos que podiam ser obtidos na mesma. Para isso, utilizamos os relatos feitos por viajantes, cronistas e exploradores do Novo Mundo que contém descrições de espécies de animais dos trópicos. Para compreendermos as dificuldades relativas à adaptação ao novo ambiente, utilizaremos bibliografia que desenvolve análise a partir de um viés biológico/geo-

* Pós-doutor em História Social da Cultura pela UFMG e doutor em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente é professor não titular da Universidade Estadual de Maringá e coordenador do Laboratório de História, Ciências e Ambiente.

** Doutoranda em História pela Universidade do Porto/Portugal, com bolsa de Doutorado Pleno no exterior da CAPES. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá com financiamento a pesquisa pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior. É graduada em História pela mesma instituição (UEM). Membro pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em História, Ciências e Ambiente (LHC).

*** Doutorando em História pela Universidade do Porto/Portugal, com bolsa de Doutorado Pleno no exterior da CAPES. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá com financiamento a pesquisa pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior. Membro pesquisador do Laboratório de Pesquisa em História, Ciências e Ambiente (LHC).

gráfico, com as obras de Jared Diamond, Alfred Crosby, Keith Thomas, Warren Dean, e outros que podem corroborar no entendimento dos fatores que dificultaram a introdução imediata de espécies de animais europeus.

Palavras-chave: América Portuguesa; história das ciências; alimentação; Século XVI.

Abstract: In this work we intend to analyze the process of recognition, building knowledge and adaptation of the Lusitanian colonizers in sixteenth-century Portuguese America. Thus, the aspects will privilege survival and maintenance, as well as the techniques developed by these in relation to acquisition and maintenance of food sources in the tropics. We will address, so questions concerning the difficulties of introducing animal species native to Europe by Portuguese colonizers. In this sense, analyze the adaptation processes of the animals in relation to the new weather and food in the colony and the search for foods that could be obtained in the same. We utilize the accounts given by travelers, chroniclers and explorers of the New World which contains descriptions of species of animals in the tropics. To understand the difficulties in adapting to the new environment, we use the literature review that develops from a bias biological / geographical, with the works of Jared Diamond, Alfred Crosby, Keith Thomas, Warren Dean, and others who can corroborate the understanding of the factors hampered the immediate introduction of species of European animals.

Keywords: Portuguese America; history of science; food; sixteenth century.

Resumen: En este trabajo nos proponemos analizar el proceso de reconocimiento, la construcción de conocimientos y la adaptación de los colonos portugueses en América lusos XVI. Por lo tanto, nos concentraremos en los aspectos relacionados con la supervivencia y el mantenimiento, así como las técnicas desarrolladas por éstos en relación con la obtención y conservación de las fuentes de alimentos en los trópicos. Comente, por lo que las cuestiones relativas a las dificultades de la introducción de especies animales nativas a Europa por los colonizadores portugueses. En este sentido, el análisis de los procesos de adaptación de los animales en relación con el clima y el nuevo poder en la colonia, así como la búsqueda de alimentos que se podrían obtener en el mismo. Para ello, se utilizan los relatos de viajeros, cronistas y exploradores del Nuevo Mundo, que contiene descripciones de las especies animales en las zonas tropicales. Para comprender las dificultades para adaptarse al nuevo entorno, utilizamos revisión de la literatura que se desarrolla a partir de un sesgo biológica / geográfica, con la obra de Jared Diamond, Alfred Crosby, Keith Thomas, Warren Dean, y otros que pueden corroborar la comprensión de los factores obstaculizado la introducción inmediata de especies animales europeas.

Palabras clave: La América portuguesa, Historia de la Ciencia, la Alimentación, del siglo XVI.

Introdução

A história da alimentação pode esclarecer vários aspectos do cotidiano de uma civilização, seja no âmbito político, econômico ou social. Os hábitos alimentares e as tradições relacionadas à alimentação mudaram junto com a evolução das sociedades humanas (MENEZES; CARNEIRO, 1997). De ração diária, passou a ter características restauradoras da saúde, chegando aos dias atuais como uma culinária cheia de requintes. Ao longo da história dos alimentos, observamos proibições a certas carnes, peixes e condimentos, que estavam relacionados à sexualidade, ou então recaíam sobre o julgo das leis clericais (FLANDRIN; MONTANARI, 1998). Comer bem sempre foi sinônimo de riqueza, oferecer aos convidados determinados tipos de pratos significava, acima de tudo, boas maneiras e apreço, enquanto que a falta de alimentos, ou não ter à mesa um bom bife, poderia indicar pobreza.

Há registros de tratados de cozinha e ou compilações de receitas culinárias desde o século XIV, que traziam informações de caráter técnico como cortes de carne, preparo de pratos com aves com ilustrações, demonstrando os locais onde deveriam fazer os cortes, assim como receitas de pratos restauradores e também de alguns doces. Estes tratados ou livros sobre a arte de cozinhar foram escritos em grande parte por pessoas não profissionais, e também por médicos e chefes de cozinha. Isso demonstra que o interesse pela alimentação norteou boa parte do cotidiano dos europeus a partir do século XIII até os séculos XVII, XVIII e XIX, mesmo que os motivos para isso tenham sido estimulados pela glotoneria. A partir do século XVI, com a era dos descobrimentos, até o século XVIII, percebe-se “claramente a liberação desta glotoneria” por alimentos, uma vez que os relatos de viagem demonstram a preocupação em obter fontes de proteína e gordura animal para o próprio manutenção dos navegantes, e também o impulso sobre as redes de comércios das especiarias (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 532-557).

Os homens renascentistas e aqueles anteriores a eles possuíam uma percepção da natureza repleta de sentimentalismo e, em certa medida, antropocêntrica. Ao longo da era Moderna ocorreram diversas mudanças relacionadas à maneira como os homens observavam a natureza e compreendia sua interação com os animais, plantas e a paisagem que o rodeava. A partir do século XVI, observou-se que a relação entre o Homem e o Mundo Natural começou a se transformar. Os animais passaram a ser classificados e considerados primeiramente como fontes de alimentos, perdendo características sentimentalistas (THOMAS, 2010). Um bom exemplo desta mudança, podemos verificar nas descrições do explorador português Gabriel Soares de Sousa (1587), onde o sentido útil (do ponto de vista alimentar) designado aos animais aparece constantemente, isto demonstra que o

contato com a fauna e flora do Novo Mundo e as dificuldades iniciais com a obtenção de alimentos fez com que os primeiros exploradores abandonassem de algum modo o romantismo e percebessem que o conhecimento acerca do mundo natural era primordial naquele momento.

Para os homens daquele período, a dominação em relação aos animais era importante, pois demonstrava racionalidade, assim como servia de justificativa para a caça, para a domesticação, para o hábito de comer carne, para o extermínio de predadores e animais nocivos, assim como a qualquer operação feita em animal vivo com o objetivo de realizar estudo ou experimentação (THOMAS, 2010, p. 55-56). A dominação sobre os animais e o conhecimento das espécies eram fatores de extrema importância para a própria sobrevivência do homem. As questões relacionadas ao estudo da natureza estavam em foco ao longo dos séculos XV e XVI na Europa. Quando os portugueses e espanhóis deram início as Grandes Navegações, entrando em contato com novos povos e com novos ambientes, ficou claro que a diversidade de espécies era muito maior e muito mais complexa do que os pensadores do Velho Mundo podiam suportar. Diante disso, analisar as descrições feitas pelos primeiros moradores do Novo Mundo pode nos auxiliar, também, na compressão da Filosofia Natural do século XVI. Imagine a reação de um viajante setecentista ao se deparar com um Cateto (*Tayassu tajacu*), com uma Queixada (*Tayassu pecari*), ou com um Tatu (*Dasyproctidae*)! Neste sentido, verificar o estranhamento e as tentativas de classificação dos animais encontrados no Novo Mundo pode demonstrar esta busca para compreender o Mundo Natural dos trópicos.

A partir da empreitada portuguesa rumo às terras desconhecidas, um leque de oportunidades abriu-se no que se refere aos alimentos. Sem contarmos com a principal expansão alimentar que se deu com as especiarias do oriente, temos uma gama de relatos dos primeiros colonizadores do Novo Mundo, descrevendo com profusão de detalhes os animais que encontravam nos trópicos. Do ponto de vista dos hábitos alimentares europeus, e durante a era dos descobrimentos, a alimentação no Velho Mundo não se modificou, ou seja, os animais, plantas e frutos encontrados no Novo Mundo não foram introduzidos na dieta alimentar europeia. O que podemos observar é a expansão dos temperos das índias e algumas especiarias americanas, como os pimentos. Este quadro começou a se transformar nos séculos XIX e XX, quando a alimentação no Velho Mundo começou a receber fortes influências dos elementos encontrados nos trópicos (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 532). Contudo, para os europeus, que estavam desbravando o continente americano, a sua rotina alimentar mudou radicalmente, pelo menos nos primeiros tempos do século XVI.

Então, ao voltarmos nossa atenção para os hábitos alimentares destes europeus que colonizaram a América portuguesa, principalmente ao longo do século XVI, podemos encontrar algumas respostas para fatos ocorridos ao longo do processo colonizatório do que hoje conhecemos como Brasil, como por exemplo, a tentativa de introdução, quase que imediata, de espécies de porcos (Javali), galinhas, cabras, vacas e outros bichos. Abordaremos ao longo deste texto, os motivos que levaram os primeiros desbravadores portugueses a trazer, nas naus, certas espécies de animais na tentativa inicial de alimentar-se, mas também com o intuito de transpor e adaptar estes animais para a colônia.

Europeizando os trópicos

O porco europeu (*Sus Scrofa*) provavelmente esteve presente em muitas das embarcações que cruzaram o Atlântico no século XVI. A partir de Portugal, os porcos domésticos foram introduzidos em muitos dos lugares em que os portugueses aportavam. Assim, uma grande distribuição da espécie foi feita conscientemente, com o objetivo de deixar para os futuros colonizadores recursos para que pudessem se alimentar por algum tempo (CROSBY, 2011, p. 182-183-185). Quando analisamos as tentativas iniciais de introdução de animais oriundos da Europa na América portuguesa verificamos que os colonizadores se depararam com alguns obstáculos referentes à adaptação daqueles animais ao clima e a nova alimentação. Com o porco não foi diferente, mesmo sendo este um animal dotado de versatilidade para consumir diferentes fontes de proteínas e carboidratos concentrados, incluindo alguns moluscos¹ (CROSBY, 2011, p. 183) e frutos como castanhas. Na América Portuguesa o *Sus Scrofa* não suportou, de início, as altas temperaturas tropicais, e também encontrou algumas dificuldades para adaptar-se a nova alimentação.

A importância deste animal para a fixação e conservação dos europeus na nova colônia era primordial, uma vez que a introdução de espécies provenientes da biota européia facilitaria e viabilizaria a lavoura, mesmo em curto prazo, assim como supriria os habitantes da colônia de fontes de proteína, sem com isso necessitar de mão-de-obra excedente (DEAN, 2010).

Outro fator relevante para compreendermos a importância da introdução e adaptação dos suínos na América Portuguesa esta relacionada com a dificuldade que

¹ Alfred Crosby, em *O imperialismo Ecológico*, relata que na região da Nova Inglaterra existem registros de porcos introduzidos pelos colonizadores, que se adaptaram nas regiões litorâneas passando a fossar em busca de moluscos. Na maré baixa sempre encontravam tais fontes de proteína (CROSBY, 2011, p. 183).

os europeus enfrentaram ao tentar introduzir espécies de gado bovino nos trópicos. O gado levou gerações para se ajustar ao clima e a alimentação do continente americano, afinal, o clima ao qual estavam habituados, na Península Ibérica, tem por característica “invernos amenos e úmidos e verões longos, quentes e secos” (DIAMOND, 2008, p. 136). Em vista dessas dificuldades iniciais, os porcos domésticos e o gado bovino nos trópicos, ao contrário do que ocorreu nas planícies temperadas da região platina, levaram algumas gerações para se adaptarem e se tornarem asselvajados², dificultando o controle, e claro, o consumo da carne, do couro e dos derivados de leite tão importantes para a subsistência humana (CROSBY, 2011).

Diante dessas dificuldades iniciais relativas à introdução de animais vindos da Europa, tornou-se primordial conhecer e reconhecer as espécies nativas da América nos primeiros anos do processo de colonização da América Portuguesa. Assim, a partir da análise das descrições feitas pelos primeiros colonizadores, viagens, cronistas e senhores de engenho, como Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Hanz Staden, Pero de Magalhães Gandavo, Azpilcueta Navarro, Jean de Léry, André Thevet e outros, é possível verificar o quanto foi importante o reconhecimento de espécies nativas dos trópicos para o processo de fixação desses europeus no Novo Mundo.

Dentre a gama de relatos sobre os animais encontrados na América, notamos a preocupação e a constante busca por características similares entre as espécies europeias e as nativas do Novo Mundo. Tal fato se deu, enquanto fator determinante no processo de reconhecimento do mundo natural, aos quais os exploradores estavam sendo submetidos. Afinal, ao atravessar o Atlântico no sentido Leste-Oeste, mas também no sentido Norte-Sul, os europeus cruzaram uma barreira climática e biogeográfica (DIAMOND, 2008), que em muito dificultou na transposição dos animais e plantas vindas do Velho Mundo, assim como, na própria adaptação destes colonizadores ao novo ambiente. Ao se depararem com tal diversidade, logo perceberam que tal empreitada, rumo a lugares então desconhecidos, seria complexa e laboriosa.

É interessante notarmos as descrições feitas por cronistas, viajantes e senhores de engenho, quando estes descrevem e catalogam as espécies de animais terrestres dos trópicos. Hanz Staden descreve o porco nativo da América,

² O gado introduzido na América pelos colonizadores europeus tornou-se selvagem ainda no século XVI e também ao longo do século XVII. O mesmo aconteceu com os porcos, que se tornaram esguios, rápidos e agressivos (CROSBY, 2011, p. 188). Isso demonstra as dificuldades enfrentadas pelos colonizadores quanto à introdução de espécies europeias, e que a busca por alimentos nativos da América portuguesa era fator primordial para aqueles homens.

ênfatizando as características do animal que são semelhantes às daquele já conhecido na Europa, na tentativa de alocar o animal dentro de seu universo filosófico natural. Assim ele diz que: “[...] uma (espécie) se parece com o porco selvagem daqui (neste momento Hans Staden está escrevendo na Europa), e a outra é pequena, parecendo-se com porquinhos novos [...]” (STADEN, 1557, p. 189). Ao comparar o porco do mato, com o porco selvagem europeu, ele procura estabelecer características analógicas (FOUCAULT, 2000), que naquele momento era a melhor ferramenta para compreender e classificar o Mundo Natural tropical.

O sistema classificatório desenvolvido pelos homens do século XVI que habitaram ou passaram pela colônia era, em certos aspectos, novo. Eles organizaram o mundo ao seu redor a partir de categorias comuns as que já conheciam, tendo, primeiramente, um propósito objetivo, pois primeiro classificavam os animais segundo princípios úteis, através de sua estrutura anatômica, habitat e modo de reprodução. Contudo, era preciso saber qual era a utilidade do animal para o homem, se possuía valores alimentares, depois se havia alguma propriedade medicinal (THOMAS, 2010). Quando analisamos as descrições de animais do Novo Mundo, percebemos que estes princípios foram utilizados pelos cronistas e viajantes.

Além desta busca por princípios úteis, existiu também a busca por sabores, afinal existem muitas descrições de exploradores, colonizadores e viajantes do século XVI que enfatizam o fato de os alimentos encontrados no Novo Mundo serem tão ou mais saborosos que aqueles que tinham na Europa. Isso fica claro na descrição de Gabriel Soares de Sousa (1587), quando este relata que “[...] a carne dos porcos é muito sadia e saborosa [...]” (SOUSA, 1971, p. 165), e também “[...] a carne é toda magra, mas saborosa e carregada para quem não tem boa disposição [...]” (SOUSA, p. 249). O cotidiano desses exploradores estava, naquele momento, sob o predomínio da busca por fontes de proteína e gordura animal que pudessem lhes suprir uma necessidade alimentar básica e diária. Os descobrimentos ampliaram a visão dos homens do século XVI em relação ao mundo natural. Tudo era novo, diferente e a partir das diferenças e das semelhanças começaram a observar e classificar o mundo ao seu redor, iniciando assim uma nova ciência sobre o mundo natural (ASSUNÇÃO, 2001, p. 109-111).

A rotina dos exploradores portugueses na busca por alimentos pode ser considerada como fator determinante para o desenvolvimento de técnicas para obter e processar alimentos no Novo Mundo. Para isso, esses observadores do mundo natural seiscentista, utilizavam todo o conhecimento que possuíam sobre animais europeus, tentando encaixar tal percepção aos bichos que estavam encontrando na América. Esse tipo de classificação baseadas nas características provenientes

de animais europeus, ficam claras quando analisamos a descrição feita por André Thevet em 1590 da Cotia:

[...] grande como um lebrão, que tem o pelo duro eriçado *como o do javali*, a *cabeça como a de uma ratazana*, as *orelhas e a boca semelhantes às da lebre*, e uma cauda de apenas uma polegada de comprimento. Seu dorso é inteiramente glabro da cabeça à cauda, e *suas patas fendidas como as do porco* (THEVET, p. 112, 1978, grifos nossos).

Nota-se que Thevet faz relação com quatro animais nativos de regiões europeias, o javali (*S. domesticus*), a ratazana (*Rattus norvegicus*), a lebre (*Leporidae*) e o porco (*S. scrofa*) (é muito provável que este seja o porco europeu). O mundo natural do Novo Mundo se mostrou para os primeiros exploradores um ambiente inóspito, desconhecido, assim era primordial para aqueles homens a observação e a classificação daquele espaço, tanto no que refere aos animais terrestres e aquáticos, como também, as plantas. Neste sentido, os povos nativos na América Portuguesa tiveram um papel importante, pois conheciam todo o ambiente. Dentre os animais terrestres nativos da América, o *Tayassu pecari* também conhecido como Queixada, teve um papel relevante no processo de fixação dos europeus no litoral. Mesmo com grande abundância de frutos do mar, os portugueses estavam habituados a consumir carne de suínos, e como a introdução do porco europeu (*Sus Scrofa*) não se deu de forma rápida e fácil, assim, encontrar uma espécie nativa americana com características semelhantes às europeias (GONELA, 2003) foi estrategicamente importante do ponto de vista alimentar, afinal o porco pode ser considerado como uma importante fonte alimentar.

Isso pode ser observado quando analisamos as diversas passagens do Tratado escrito por Gabriel Soares de Sousa, em 1587, onde ele citou espécies de porcos da América tropical; em uma delas afirma que:

[...] os leitões são muito tenros e saborosos [...] A carne dos porcos é muito sadia e saborosa [...] e come-se todo o ano por em nenhum tempo ser prejudicial, mas não fazem os toucinhos tão gordos como em Portugal, salvo os que se criam nas capitânicas de São Vicente e nas do Rio de Janeiro (SOUSA, 1971, p. 165).

Com uma rotina exaustiva, encontrar uma fonte de gordura e proteína de origem animal, e que possuía características referentes ao gosto próximas às das espécies nativas europeias, foi primordial para a sobrevivência dos exploradores nos primórdios da colonização. Tão interessante quanto perceber as semelhanças, é notar que o viajante e senhor de engenho também notou as diferenças entre as espécies, e tentou compreendê-las. Hoje sabemos que o *Tayassu Pecari* possui uma glândula que fica em seu dorso, esta exala um cheiro que serve para que os

porcos marquem seu território e reconheçam-se entre si (GONELA, *apud*, 2003, p. 9). Logo, Gabriel Soares de Sousa notou a presença desta glândula e a descreveu como sendo um umbigo nas costas. Também notamos que Pero de Magalhães Gandavo e Fernão Cardim fizeram menção a este fato. Nos relatos feitos por estes três exploradores, percebemos a tentativa de identificar o motivo pelo qual este animal possuía um “umbigo” que exalava mau cheiro: [...] tem o *embigo nas costas* e por ele lhe saem um cheiro, como de raposinhos, e por este cheiro nos seguem os cães e são tomados facilmente [...] (CARDIM, 1980, p. 26, grifo nosso).

No relato de Fernão Cardim verificamos a constatação da glândula de cheiro que facilitava a caça desses animais, uma vez que os mesmos deixavam um odor forte por onde passavam. Gandavo também relata a presença de glândulas de cheiro nos porcos selvagens da América Portuguesa: [...] Uns pequenos na terra que tem as cerdas mui grossas, ásperas e crespas; estes tem o *umbigo nas costas* [...] (GANDAVO, 1963, p.85, grifo nosso). Ao tentar descrever os porcos do mato, Pero de Magalhães Gandavo percebe o “umbigo” no dorso dos animais; o mesmo o faz Gabriel Soares de Sousa:

Tajaqueté é outra casta de porcos monteses que são maiores que os de que fica dito e tem toucinho como os monteses da Espanha, e grandes presas e o *umbigo nas costas* [...]. *A estes porcos cheira o embigo muito mal*; e se, quando os matam, lhos não cortam logo, cheira-lhes a carne muito ao mato; e se lhos cortam é muito saborosa. (SOUSA, 1971, p. 249, grifos nossos).

Sousa vai além e não só nota a glândula de cheiro, como também, o fato de esta prejudicar o sabor da carne do animal durante o seu preparo. A preocupação com a alimentação torna-se evidente nesta última passagem, afinal, quando este descreveu a espécie de porco do mato, explicou que para a carne se tornar boa para o consumo deve-se extrair o “umbigo”. Sabemos hoje que esta glândula está presente apenas nas espécies de porcos nativos da América do Sul (Novo Mundo), e que elas ocorrem em duas espécies específicas: o *Tayassu tajacu*, conhecido como Cateto ou Tateto, e o *Tayassu pecari*, conhecido como Queixada (SILVA, 2006). A pormenorização dos animais encontrados no Novo Mundo, como no caso das espécies de porcos, denota um colonizador preocupado com a construção de conhecimentos, acerca do Mundo Natural, que pudesse lhes ser útil não apenas em um primeiro momento, mas ao longo do processo de fixação e desenvolvimento da colônia, afinal o que tornou o homem capaz de fabricar seus próprios alimentos é o resultado de um processo de superação e domínio sobre a natureza, visto que, a luta diária por comida não era uma tarefa fácil, ainda mais para um colonizador do século XVI (DIAMOND, 2008).

Outro aspecto relevante das informações extraídas das descrições feitas pelos cronistas e viajantes que passaram ou se fixaram nos trópicos, está relacionado com os parâmetros comparativos estabelecidos por estes quando do detalhamento das semelhanças e diferenças entre os animais encontrados no Novo Mundo, com aqueles conhecidos do Velho Mundo. Neste ponto, não podemos deixar de relacionar o conceito de analogias estabelecido por Foucault em “As palavras e as coisas”, onde fica claro que tais descrições, em sua maioria, eram desenvolvidas por meio de analogias (FOUCAULT, 2000), ou seja, por meio de comparações entre as espécies nativas européias e as nativas brasileiras. Assim desenhava-se um quadro de semelhanças entre ambas para aí classificar o animal. Contudo, em um primeiro momento, o conhecimento que estes homens possuíam sobre a fauna dos trópicos estava relacionado com o conhecimento dos povos autóctones. O conhecimento indígena foi utilizado por Gabriel Soares de Sousa para tentar compreender uma espécie de Tatu; neste caso ele compara o animal com o porco novo (bácoro), e depois declara as técnicas utilizadas pelos nativos para capturar o animal e prepara-lo como alimento:

Tatuaçu é um *animal estranho*, cujo corpo é como um bácoro tem as pernas curtas, cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça, que é toda cheia de conchinhas; os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de lâminas em redondo, que cavalga uma sobre outra; e tem o corpo todo coberto de conchas, feitas em lâminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta [...] *Matamos os índios em armadilhas* onde caem; tiram-lhes o corpo inteiro fora destas armas, que estendidas são tamanhas como uma adarga; cuja *carne é muito gorda e saborosa*, assim cozida como assada [...] (SOUSA, 1971, p. 251, grifos nossos).

Nota-se a presença de analogias (FOUCAULT, 2000) no momento em que o explorador tenta caracterizar o Tatu, comparando-o com porcos novos, ele vai detalhando todas as propriedades do animal estabelecendo parâmetros entre animais que conhecia. A busca por similitudes entre os animais demonstra a construção de um conhecimento sobre o mundo natural dos trópicos, assim como a elaboração de uma nova perspectiva filosófico natural (DEBUS, 2004).

A partir dessa perspectiva, que denota um colonizador preocupado em se adaptar ao novo ambiente e tentar transpor para a nova colônia boa parte das características do Velho Mundo, podemos perceber que o trabalho inicial foi árduo, pois a busca diária por alimentos despedia tempo e energia. Neste sentido, considerar esses exploradores como portadores de uma plasticidade e morosidade, que lhes auxiliava a se adaptar com facilidade a qualquer ambiente (HOLANDA, 2011) pode ser considerado como equivocado, afinal, desde o princípio, se observamos as fontes documentais que descrevem a fauna e flora dos trópicos, percebemos

que a preocupação em relação à alimentação existia, e que seria laborioso o trabalho de ocupar as terras recém-descobertas.

Conclusão

Apesar de os porcos europeus terem sido introduzidos, e hoje estarem dispersos por boa parte dos domínios tropicais da América, logo nos primeiros anos da colonização empreendida pelos portugueses alguns entraves de caráter climático, físico e alimentar, impediram a introdução e adaptação imediata deste e de outros animais. Esse fato em muito dificultou a transposição dos hábitos alimentares dos colonizadores lusos para a América, assim, uma nova perspectiva alimentar foi empregada na tentativa de obter fontes de alimentos ricos em proteína e gordura animal.

É interessante notar as analogias feitas pelos primeiros colonizadores quando tentam descrever um animal até então desconhecido. Os sistemas classificatórios utilizados por aqueles homens na tentativa de apreender o ambiente do Novo Mundo é uma junção do conhecimento que traziam de suas experiências na Europa com o conhecimento empírico que desenvolveram sobre a fauna da América. As dificuldades em transpor os animais do Velho Mundo para a América levaram os primeiros colonizadores a buscar todos os meios possíveis para sobreviver com aquilo que encontravam na fauna dos trópicos, assim descreveram e classificaram tudo o que os rodeava, afinal, antes de implementar-se um engenho de cana de açúcar era necessário obter todo o alimento possível para garantir a própria sobrevivência.

Fontes

STADEN, Hans. 1974. *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia.

THEVET, André. 1978. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo: Ed. Itatiaia. SOUSA, Gabriel Soares de. 1971. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Brasiliana.

Referências

ASSUNÇÃO, Paulo de. 2001. *A terra dos Brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)*. São Paulo: Annablume.

DIAMOND, Jared. 2008. *Armas germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record.

DEAN, Warren. 2010. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

CROSBY, Alfred. 1993. *Imperialismo ecológico: A expansão biológica da Europa 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras.

FOUCAULT, Michel. 2000. *As Palavras e as Coisas - Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. 1998. *História da Alimentação*. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade.

GONELA, Adriana. 2003. *Aplicação de marcadores microssatélites de Sus scrofa domestica na caracterização genética de populações de Sus scrofa sp. (porco-Monteiro) e Tayassu pecari (queixada)*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP – 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. 2011. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. SILVA, Roxane Wirschum. 2006. *Avaliação Da Variabilidade Genética Em Tayassu Tajacu (Cateto) e Tayassu Pecari (Queixada) Por Meio Da Utilização De Marcadores Microssatélites*. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Genética, curso de Pós Graduação em Genética, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008. *O pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini – 8ª ed. Campinas, SP: Papirus.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de; CARNEIRO, Henrique. *História da alimentação: balizas historiográficas*. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 9-91, 1997.

THOMAS, Keith. 2010. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação ao homem e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.